ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

UM ESTUDO SEMIÓTICO SOBRE O NÚCLEO NEGRO DA TELENOVELA *A FAVORITA* – UMA PROPOSTA DIDÁTICA

A semiotic study of soap opera A Favorita - *a proposal for teaching*

Cássia Vanessa Batalha[i]
Universidade Estadual de Londrina
Renan Luis Salermo[ii]
Universidade Estadual de Londrina

Resumo: Este artigo propõe um estudo do discurso sobre o preconceito, tal qual esse tema é abordado na telenovela *A Favorita,* escrita por João Emanuel Carneiro, levada ao ar pela Rede Globo de Televisão no período de junho/2008 a fevereiro/2009. Utilizamos como metodologia de análise o instrumental da semiótica greimasiana, capaz de sustentar teoricamente as linguagens televisivas, além de propiciar a elaboração de atividades de recepção e produção de textos escolares, funcionando, assim, como uma opção de conduta pedagógica. Utilizando a temática do preconceito, vivido pelos personagens da novela sob diferentes formas, visamos elaborar módulos didáticos, com o intuito de desenvolver algumas estratégias de ensino da língua materna, que possam, também, contemplar os temas transversais (assim considerados pelos teóricos da educação).

PALAVRAS-CHAVE: leitura; telenovela; semiótica visual;preconceito.

Abstract: This project proposes a study of discourse about prejudice, just as this issue is addressed in the soap opera *A Favorita*, written by Joao Emanuel Carneiro, aired by Globo TV in the period of June/2008 to February/2009. We utilize the methodology of analysis tools of greimasian semiotics, theoretically capable of supporting languages television, besides promoting the development of activities of reception and production of textbooks, functioning thus as an option to conduct teaching. Using the theme of prejudice experienced by the characters in the soap opera in different ways, we aim to provide models of teaching sequences in order to develop some strategies for teaching the mother tongue, reflecting also around common themes (so considered by the theorists of education).

KEYWORDS: reading; soap opera; visual semiotics; prejudice.

Considerações iniciais

A mídia televisiva está entre as mídias fundamentadoras dos processos que representam e contribuem para a (re)significação das identidades, de forma a firmá-las ou desestabilizá-las, reinando na sociedade dita pós-moderna. Ao relatar sobre os meios midiáticos, o estudioso norte-americano Douglas Kellner (2001, p. 62) menciona que

"este meio molda a vida diária, influenciando o modo como as pessoas pensam e se comportam, como se vêem, e vêem os outros e como constroem sua própria identidade". Nessa perspectiva, pretendemos sustentar a ideia de que, além de representar e influenciar seus telespectadores, a telenovela, como um grande gênero televisivo e presença indiscutível no dia a dia dos brasileiros, poderia, também, ser utilizada pelos professores como um recurso didático, proporcionando conteúdos relevantes para a produção de conhecimento. Esta pesquisa tem por finalidade analisar os textos produzidos pelas telenovelas do Brasil, especialmente, *A Favorita*, de João Emanuel Carneiro, exibida pela Rede Globo de Televisão em 2008/2009.

O núcleo de personagens negros, escolhido como objeto de análise, compartilha discussões importantes a respeito do negro na sociedade. Personagens como Romildo Rosa, Alícia e Diduzinho discutem, durante toda a trama, qual deve ser a posição e postura de um "homem modelo", ajustado às normas e convenções sociais. É importante lembrar que esses personagens são representados por atores negros, e que a presença deles na novela, em grande parte, tem a função de suscitar e fomentar o debate em torno do tema "preconceito étnico". Diante disso, tomamos como recorte textual as cenas em que contracenam esses atores, observando o modo como a temática é tratada, dando especial atenção ao nível discursivo, que, como se sabe, é onde a "enunciação mais se revela" (BARROS, 1990, p. 82). Assim, este estudo ressalta "o caráter manipulador do discurso, revelando sua inserção ideológica e afasta-se qualquer idéia de neutralidade ou de imparcialidade do texto" (BARROS, 1990, p. 83).

A partir da proposta de discussões sobre o tema escolhido, bem como a análise de cenas selecionadas, pretendemos promover a leitura crítica de textos veiculadores de temas tabus, propagados por meio da linguagem sincrética. Buscamos, assim, contribuir para a ampliação da competência de leitura crítica de textos, tendo-se como público-alvo alunos do ensino médio. Para esta pesquisa, adotaremos a perspectiva teórico-metodológica da semiótica greimasiana, propondo examinar os procedimentos de produção, recepção e, também, organização textual.

Sujeito e estereótipos – em análise: *A Favorita*

Notamos que a TV é predominantemente subordinada à estética do realismo, figurativizando histórias e imagens do mundo real, isto é, a televisão concretiza-se em um instrumento de entretenimento pautado em narrativas que contêm personagens, mensagens e convenções que pertençam e importam ao cotidiano. Aliás, essa "pobreza" temática e visual das produções televisivas foi provavelmente responsável pelo desdém com

que tem sido tratada pelos críticos e estudiosos do assunto. Ora, embora haja de fato a trivialidade recorrente a esses programas, há também de se pensar nas influências e espaços oferecidos pelo público telespectador para estes produtos, especialmente, o público jovem. Sendo assim, torna-se imprescindível o debate em torno destas questões, atentando-se, então, para os papéis desempenhados pela mídia na atualidade e suas intervenções na constituição dos sujeitos e sua produção identitária.

Como já dito, nosso objeto de estudo é a telenovela *A Favorita,* de João Emanuel Carneiro. Vista em seu duplo modo de existência linguística, objeto de significação e comunicação, esse texto teledramatúrgico pode ser estudado a partir do conjunto de seus elementos internos, ou seja, dos diálogos dos personagens, dos gestos, da fotografia, enquanto texto de caráter dramático, como também, dos demais discursos que transitam no universo social, onde há:

> [...] a troca efetiva entre os participantes de um mesmo discurso, que se propaga na comunidade receptora pelo compartilhamento de emoções, suspense e intencionalidades diversas (merchandising, campanhas públicas, auto-referenciação televisiva, etc.), tornando-se um fenômeno de comunicação extremamente abrangente (LIMOLI e MENDONÇA, 2009, s/p).

Nesse sentido, antes de aplicarmos essas noções ao núcleo escolhido para nossa análise, convém situarmos o leitor quanto à novela como um todo. A seguir apresentaremos um breve resumo dessa enigmática trama, repleta de personagens caricaturais que tinham em princípio como única ambição a de prender as atenções dos telespectadores.

A Favorita tratou da história de duas mulheres, Flora (Patrícia Pillar) e Donatela (Cláudia Raia), que lutavam pela revelação da autoria do assassinato de Marcelo, filho de Irene (Glória Menezes) e Gonçalo Fontini (Mauro Mendonça). No início da narrativa, o telespectador é levado a crer que a vingança tramada por Flora ocorre por conta de seu julgamento injusto e o afastamento de sua filha Lara (Mariana Ximenes). Após a libertação de Flora, Irene auxilia-a financeiramente, por também acreditar na inocência da amante de seu filho e dali por diante a personagem Donatela segue em busca de provas que incriminem novamente a inimiga. Num plano geral, o público permanece na incerteza, perguntando-se: quem matou Marcelo? Flora ou Donatela? Persiste a dúvida até que cheguemos aos acontecimentos finais, reconhecendo, como diz Arnaldo Jabor "a extrema maldade de Flora, que nos faz indignados e fascinados" (O JABOR, 2008).

Em torno deste núcleo principal, podemos citar outras histórias, como a de Catarina (Lilia Cabral) e Stela (Paula Burlamaqui), que conviveram diariamente com o machismo e o moralismo proferidos por Leonardo (Jackson Antunes). Há ainda personagens que têm como base temas cunhados em assuntos polêmicos, como Alícia (Taís Araújo), Diduzinho (Fabrício Boliveira) e Romildo Rosa (Milton Gonçalves), família desestruturada pelo pai, político temido e poderoso, que consegue enriquecer-se por meio de favores políticos e sua falta de escrúpulos. De modo amplo, o que nos importa para esta pesquisa é a possibilidade de reflexão que nos é proporcionada pelos conflitos tratados pelos personagens Alícia, Diduzinho e Romildo Rosa, e as paixões reveladas por estes.

Depois de esclarecermos para os leitores o enredo de *A Favorita*, de maneira abrangente, cabe descrevermos melhor a metodologia abordada para a análise de nosso *corpus*. A semiótica greimasiana, também conhecida como semiótica da Escola de Paris ou de linha francesa, teve como precursor Algirdas Julien Greimas, cujo estudo pautava-se no sentido, em suas distintas formas de manifestações discursivas.

Esta teoria desvenda os mecanismos de construção e apreensão do sentido nos variados tipos de texto, determinando que os discursos são redes de relações. Nesse contexto, a semiótica é uma teoria da significação e uma metodologia de análise, importando-se com o texto não somente em suas expressões verbais, mas também aqueles manifestados por outras linguagens, visuais e sonoras, por exemplo. Para tanto, as linguagens definem-se por uma relação entre seu plano de conteúdo e seu plano de expressão e, se pensarmos na telenovela como um texto sincrético, as análises se estenderiam, então, para os diálogos, para os personagens, para as músicas, etc.

Nestes moldes, concebendo-se o sentido como um percurso gerativo, o texto seria uma sobreposição de diferentes níveis, que iriam do simples ao complexo, cada uma com sua sintaxe e semântica. A primeira etapa, conhecida como nível fundamental, corresponde à instância mais profunda, apresentando-se com um conteúdo de cunho abstrato. Depois, há o nível narrativo, concebido pelo percurso manipulação – competência – ação – sanção. Neste patamar temos uma organização narrativa formulada em termos de transformações, envolvendo um sujeito em busca de um objeto, expressando duas formas possíveis: os enunciados de estado e os de fazer. E, por último, o nível discursivo, que reveste os níveis anteriores, levando em conta os graus de figuratividade dos conteúdos e dando efeitos de proximidade ou distância enunciativa, importando-se com os temas,

figuras, na instauração do tempo e do espaço. Segundo Lara, em relação a esse nível mais superficial e concreto, temos que:

> Se a concretização parar no primeiro nível, teremos textos compostos predominantemente de temas; se vier até o segundo, teremos textos constituídos preponderantemente de figuras. Cada um desses tipos de textos tem, pois, uma função diferente: os temáticos explicam o mundo; os figurativos criam simulacros do mundo (LARA, 2007, p. 4).

Assim, além de tratar da gramática do texto, por meio do percurso gerativo de sentido, a Semiótica também aceita o desafio de investigar e de descrever as emoções humanas, afirmando que a paixão é uma dimensão importante do discurso e os sujeitos da enunciação são movidos pelos "estados de alma" para realizarem ações e/ou transformações na narrativa. Logo, as paixões "devem ser entendidas como efeitos de sentido de qualificações modais que modificam o sujeito de estado (BARROS, 1998, p. 61)" e para explicá-las é preciso recorrer às relações actanciais, aos programas e percursos narrativos.

Tendo brevemente exposto os principais postulados da Semiótica Francesa, cabe entrarmos nas análises que subsidiam as principais hipóteses deste trabalho. A cena a seguir tratará de apresentar nosso corpus de análise.

Cena 1 – Armações de Romildo Rosa



F[1]01



F02



F03



F04

(Personagem ao telefone)/Romildo Rosa: *Marsal, por favor, não publica isso, Marsal. Não, Marsal!Aquilo é um infeliz. Eu não prometi nada pra ele. Tá bom, te*

[1] Fotograma.

agradeço. Não, não, claro, mas claro que te agradeço. Precisamos jantar, hein. Ok, muito obrigado, a gente se fala.

Se aquele repórterzinho está achando que eu vou deixar isso barato, eu não vou deixar isso barato não! Vocês dois tratem de arranjar alguém pra dar uma surra naquele vagabundo. Tem que ser uma surra de criar bicho. Uma surra da qual ele não vai se esquecer nunca mais.

Alícia: *Não vai mandar dar surra nenhuma no Zé Bob, porque eu não deixo.*

Romildo Rosa: *Alícia, não se meta no meu trabalho.*

Alícia: *Ah, então agora o seu trabalho é esse, mandar dar surra nas pessoas. No Zé Bob o senhor não encosta um dedo. E sabe né? Se não eu vou no jornal e conto tudo que eu sei a seu respeito.*

Romildo Rosa: *Não me provoca. Não brinca comigo.*

Alícia: *Por que, papai? Vai mandar dar uma "coça" em mim também?*

Romildo Rosa: *Ah, como eu não percebi! Você está de caso com ele, não é?*

Alícia: *Eu só não tenho caso com o Zé Bob porque ele não quer.*

Romildo Rosa: *Vai ver ele não é homem.*

Alícia: *Ah, isso ele é. Ele é muito mais homem que toda essa sua quadrilha junta, isso o senhor pode ter certeza.*

Romildo Rosa: *Clemente, e o Diduzinho?*

Clemente: *Tudo conforme o senhor mandou.*

Alícia: *O que tem o Diduzinho? Cadê ele?*

Romildo Rosa: *Clemente, dessa vez nada não pode dar nada errado. Você fica responsável por não deixar ele beber e não sair do quarto. Entendeu? Porque hoje ele vai salvar aquela moça no poço. Ele não pode beber de jeito nenhum.*

Alícia: *Quer dizer que hoje o meu irmão vai virar heroi?*

Romildo Rosa: *Heroi sou eu! De aturar dois filhos como vocês.*

De maneira geral, notamos que existe uma intensa carga ideológica sobre os personagens negros das telenovelas brasileiras, haja vista a abordagem costumeira de temas que lhes são atribuídos, como o preconceito étnico, por exemplo. Como nos sugere Duarte (2004, p. 23): "[...] a organização narrativa dos conteúdos dos textos midiáticos continua obedecendo a regularidades", optando pela veiculação de um macrocosmo dos fatos, aquela "[...] que causa menor choque aos valores e preconceitos da maioria, e cuja assistência fica mais fácil de impor" (DUARTE, 2004, p.38). Em vista disso, muitas vezes, observamos uma postura pedagógica em torno desses conflitos, em outras palavras, temos uma polidez para com estes temas, adotando um discurso "politicamente correto". Todavia, inicialmente, o autor João Emanuel Carneiro realiza algo novo nessa novela: ao atentarmos para a cena acima, verificamos um alargamento dos limites temáticos para esse drama. Romildo Rosa é situado em um espaço pouco

usual, um campo de significação diversificado para o paradigma tradicionalmente associado aos personagens negros e seu comportamento revela características meramente humanas. A esse propósito, devemos pensar que seu papel social é ressignificado, embora haja, no decorrer da narrativa, alguns cuidados manifestados sobre esse aspecto.

Em presença desses argumentos, a priori há o desvencilhamento de uma concepção dicotômica e, tanto Romildo Rosa, quanto Alícia e Diduzinho não são indivíduos plenamente bons ou maus, pois, no decorrer do diálogo, podemos perceber suas fragilidades. Contrapondo-se à visão maniqueísta, compreendemos a desconstrução da temática diversidade étnica, pois é primordial promover no público a sensação de revolta, ao ver o político mau-caráter e não vincular essa imagem a sua etnia, forçando-os a refazer seus horizontes de expectativas, previamente instituídos. Em busca do poder-ser e fazer-crer, o personagem é posto num nível social privilegiado, com trajes finos e fala bem articulada. Indiscutivelmente essas figuras são determinantes para a composição do senador Romildo Rosa e, a partir do revestimento figurativo do objeto-valor, que neste caso é a condição de prestígio social e financeiro a qualquer custo, toda a performance do sujeito se faz pelos roubos, tráficos e fraudes.

Porém, mesmo tendo tais intenções, existe uma preocupação por parte do autor, sabedor do incrível poder influenciador desse gênero, em não se alhear da conduta do personagem, não fortalecendo de modo irresponsável os clichês associados ao negro no Brasil. Para tanto, nos capítulos finais, rompe-se o percurso seguido pelo sujeito, transformando-o. A essa altura da trama seu objeto-valor já não é mais o mesmo: Romildo Rosa decide, ao fim, buscar o amor e o perdão de seus filhos, quando se depara com uma situação grave: Alícia sofre um acidente e entra em coma. A cena a seguir ilustra esse rompimento do qual falamos:

Cena 2 – Romildo declara-se como culpado



F01 **F02**

Romildo Rosa: Senhoras e senhores *antes de mais nada eu quero agradecer a presença de todos* ***vocês*** *neste momento tão doloroso na minha vida. É! Eu recuei*

*quando **vocês** vieram me procurar a primeira vez, mas agora eu estou muito alegre de estar diante de **vocês**, porque eu vou ter a chance de declarar publicamente aquilo que talvez seja o fim da minha liberdade ou talvez o resgate da minha alma. Sim **senhores**! Eu sou culpado de todas as acusações que fizeram contra mim. Fui acusado de roubar a nação... Sim... Eu roubei a nação! Eu sou corrupto! Eu roubei o dinheiro do povo! Eu fiz tráfico de influência a custa de propinas, altas propinas. Fraudei licitações! Eu votei em projetos do meu único interesse, prejudicando todos aqueles que votaram em mim, em troca de comissões, malas de dinheiro. É verdade! Tudo que dizem de mim é verdade. Eu fui vil! Eu fui desonesto! Eu fui bandido! E é por isso **senhores** que eu me entrego a justiça do meu país. Para ser punido pelo mal que eu causei a todos os cidadãos e trabalhadores deste país... Mereço ser preso e castigado. Estou aqui pronto para receber a punição que me espera.*

Podemos considerar como sincréticos os textos que "[...] acionam várias linguagens de manifestação", inclusive os "elementos paralingüísticos, como a gestualidade e a proxêmica" (GREIMAS e COURTÉS, s/d, p. 426). No caso do encadeamento desta cena, verificamos uma cumplicidade entre a baixa luminosidade, o figurino escuro, a serenidade no semblante de Romildo Rosa, o silêncio inicial da cena e o enquadramento em *big clouse-up* na F01, que como sabemos tem uma função explicativa, chamando atenção para os detalhes importantes da cena focada. Na primeira imagem, essas manifestações proporcionam uma coerência semântica no discurso, visando acionar sensivelmente o enunciatário e guia suas emoções. Dado que a cena sanciona os valores expressos pelo personagem durante a novela, notamos no diálogo marcas de um discurso baseado nas generalidades éticas e morais, consequentemente, propaga-se em Romildo Rosa um clichê, com vistas à homogeneização pública.

Como sugere Greimas e Fontanille, em *Semiótica das Paixões,* o sujeito afetado pela paixão será, sempre, "modalizado segundo o *ser*, isto é, considerado como sujeito de estado (GREIMAS e FONTANILLE, 1993, p. 50)." Contudo, não ignoraremos que "a paixão do sujeito pode desembocar num fazer" (GREIMAS e FONTANILLE, 1993, p. 50). Na cena em questão, Romildo Rosa é movido pelo sentimento de culpa e por esse motivo se assume como criminoso, adotando um comportamento de valor eufórico na sociedade, porque ao se redimir publicamente de seus maus atos, converte-se em um modelo social, tornando-se um homem de coragem, de exemplo.

Sabemos também que a enunciação "é o lugar de exercício da competência e ao mesmo tempo a instância da instauração do sujeito (da enunciação)" (GREIMAS & COURTÉS, s/d, p. 147). E, para estudarmos tal enunciado, daremos atenção especial à sintaxe discursiva, investigando os

procedimentos de discursivização, que são a espacialização, temporalização e actorialização. Nesse nível, o sujeito da enunciação assume as estruturas narrativas e faz as escolhas do lugar, tempo e pessoa, tendo em vista os efeitos de sentido que deseja produzir. Com relação ao tempo, o protagonista da cena revela seu passado, referindo-se a fatos de um tempo não-concomitante, isto é, anterior ao momento da enunciação. Além disso, constatamos que o discurso lança mão da debreagem interna de segundo grau do texto narrado. Na obra em tela, a primeira pessoa é utilizada no discurso direto para dar voz ao sujeito de maneira subjetiva, comum às telenovelas, causando o efeito de realidade. Entretanto, uma ocorrência essencial neste diálogo é a evocação do enunciatário, já que o personagem caracteriza-o como capaz de compreender imediatamente o sentido do que é lhe dito, instaurando-o como ser dotado de razão e capacidade de julgar. Desloca-se, assim, a responsabilidade de decidir e sentenciar para o telespectador/enunciatário.

Em poucas palavras, esses são os procedimentos utilizados pelo enunciador para manipular o enunciatário e fazê-lo aceitar seu discurso, convencendo-o da verdade de seu texto, fazendo-o crer que mudou, tendo o objetivo de desvincular a perigosa associação instaurada entre a figura do homem negro e a sua conduta. As próximas cenas elucidarão essas reflexões:

Cena 3 – Conciliação da família Rosa



F01



F02



F03



F04

Alícia: *Eu amo meu pai, Rita, e ele me ama também.*
Romildo Rosa: *Alícia saiu do coma? Deus seja louvado!*
Diduzinho: *Voltou a acreditar em Deus papai?*

Romildo Rosa: *É meu filho, o recolhimento desse silêncio... Eu reencontrei muita coisa boa que eu tinha perdido, inclusive a minha fé religiosa, eu rezei muito pra sua irmã se salvar.*
Diduzinho: *É! Foi por muito pouco papai, acho que você teve muita sorte.*
Romildo Rosa: *Meu filho, sem querer abusar, eu sei que eu não tenho direito, mas você acha que no futuro tem a chance dela me perdoar, porque se acontecesse isso eu poderia morrer em paz, eu juro pra você.*
Diduzinho: *Alícia te ama papai. Mais do que tudo na vida.*
Romildo Rosa: *Eu também a amo muito. Você diz isso pra ela?A única coisa que eu quero é que ela me perdoe. E que eu possa olhar aquele rostinho lindo de novo. Você diz isso pra ela, Didu*?

Cena 4 – Um natal em família


F01


F02


F03


F04


F05


F06


F07

Damião: *Mas é muito abuso, como você tem coragem de entrar na minha casa, você sabe que não é bem vindo. Você quer me obrigar a ser grosseiro?Você quer ser destratado?É isso?*
Arlete: *Damião, hoje é dia de Natal, meu filho. É dia de harmonia, de perdão.*
Damião: *Ah, porque é Natal todo mundo virou decente e bom caráter?Assim! Num passe de mágica, a mágica do Natal.*
Arlete: *Damião, escuta uma coisa: não existe família perfeita. Quer você queira ou não, essa é a sua família, o Romildo é seu pai, o Didu e a Alícia são seus irmãos.*
Alícia: *Eu concordo com você Damião. Ué, não é só porque é Natal que a gente tem que fingir que tá tudo bem, que tá tudo certo. Perdoar e aceitar são gestos que têm que vir mais do fundo, mas você é capaz disso que eu sei. Olha pra mim. Eu podia estar ressentida com a Arlete, afinal de contas, meu pai e ela tiveram um caso*

enquanto o meu pai ainda era casado com a minha mãe. Isso pra ela foi um golpe terrível Damião, um golpe mortal. Mas eu tô aí, tô superando. Eu consigo gostar da Arlete, admirar a Arlete, eu consigo reconhecer que ela é uma pessoa boa, generosa.
Diduzinho: *Papai sabe que ele errou muito Damião, tanto que ele se entregou pra polícia, tá cumprindo pena, pagando pelo o que ele fez. Aceita o fato de uma pessoa que errou pode se reabilitar. Isso também é acreditar no ser humano Damião.*
Greice: *Deixa ele ficar Damião, é só uma chance.*
Damião: *Desculpa mãe! Pode ficar.*
[...]
Arlete: *Você não vai falar nada?*
Romildo Rosa: *Não, eu prefiro ficar aqui olhando. Nossos filhos juntos, unidos. Eu e você reunidos novamente. Eu prefiro ficar aqui observando, sentindo esse momento.*

Em linhas gerais, notamos que, embora existisse inicialmente a ideia de dispor ao personagem uma nova ordem simbólica, expandindo as potencialidades da temática diversidade étnica, na novela *A Favorita*, entendemos, também, que essa noção alterou-se conforme o decorrer da narrativa. Buscando uma consciência coletiva, o autor projeta no personagem Romildo Rosa um estereótipo de homem ideal, moldado nas formas, inclusive, cristãs, como vemos no diálogo acima. Frente ao tema levantado, Landowski explicita que o estereótipo não se faz para descrever o Outro, mas "como meio expeditivo de reafirmar uma diferença" (2002, p. 25). Neste caso, teríamos identidades sem espessura, imagens pré-fabricadas, "congeladas para sempre em sua radical diferença" (LANDOWSKI, 2002, p. 26).

Para a discussão diversidade étnica e suas imbricações, como preconceito étnico, os discursos da mídia, ao satisfazerem as vontades públicas, indispensáveis para a sua manutenção, deveriam buscar, para a identidade negra, a sua completa emancipação como ser social e individual, tomando o conceito de identidade como um processo dinâmico de construção e desconstrução de discursos, de sistemas instituídos, de ideais. Desse modo, tendo a noção de que os sujeitos fictícios se interrelacionam com os sujeitos do mundo, o autor João Emanuel Carneiro cede às representações de seu público. E esse ato reflete que muitos dos telespectadores não estão ainda preparados para ver um negro atuando como um vilão imoral e sem escrúpulos.

Nessas proporções, observamos que o personagem só obtém felicidade quando cercado pela família, mesmo aqueles que não estavam em seu conhecimento, como Damião, filho de Arlete e Romildo Rosa, numa

união paralela a seu casamento. Em termos figurativos, Romildo Rosa não se encontra mais escoltado por seus seguranças; sua filha Alícia já não veste roupas extravagantes e maquiagem excessiva; e seu filho Diduzinho se liberta da bebida. Assim, conforme verificamos nas imagens F01 e F04, da cena 3, e F06 da cena 4, os sorrisos efetivam o alcance da felicidade, após a absolvição moral de Romildo Rosa, ou seja, a partir do momento em que suas buscas deixam de ter um objetivo material e retomam valores familiares, como o amor e a união aos filhos. Consequentemente, Alícia e Diduzinho alegorizam, durante a novela, as figuras manipuladoras das paixões do pai e transmitem a Romildo Rosa um querer/dever fazer o certo, intervindo em suas faculdades morais, como a culpa, a vergonha, por exemplo.

Finalmente, notamos nas imagens que tais finalidades acontecem, pois, pelo discurso e mediação do corpo dos personagens, percebemos que as desculpas são concedidas, indicando a junção de Romildo Rosa a seu objeto de desejo. Um aspecto interessante da cena *Um natal em família* é a manifestação de outra linguagem, pois, no campo sonoro, temos a canção *Sinônimos*, de Chitãozinho e Xororó/ Zé Ramalho, com mensagens do tipo: "*Quem tem amor na vida, tem sorte*" ou "*Quem ama nunca sente medo*" que reafirmam as premissas dessa pesquisa.

A arte de entreter entremeada à arte de ensinar

Sabemos que é essencial debatermos a respeito dos acontecimentos contemporâneos e o ensino nos dias atuais, já que novas maneiras de se chegar à informação encontram-se muito mais acessíveis. Infelizmente, a educação formal parece não ter assimilado ainda o fato de que os meios midiáticos e a escola possuem funções distintas, delimitadas e não concorrentes no âmbito do conhecimento. Frente a esses fatores, observamos, cada vez mais, os clássicos livros literários tornarem-se objetos sacros, destinados a se encerrar nos domínios escolares. Por outro lado, é habitual nos referirmos às telenovelas como um gênero de grande capacidade de entreter as grandes massas.

Posto isso, aproveitando-se da sedução inerente a essas produções, visto que elas não nascem sob o signo negativo da obrigatoriedade, buscamos aplicá-las em sala de aula, salientando suas potencialidades pedagógicas. Nesse contexto, tentaremos relacionar, a seguir, possibilidades de se transpor didaticamente o gênero telenovela, objetivando desenvolver no aluno capacidades linguísticas, relativas à compreensão e produção textual. Por essa via de acesso, tomaremos a sala

de aula como um lugar social de ensino-aprendizagem para a formação de um leitor cidadão, preparado para os diálogos que cercam os temas abordados por este artigo, como a diversidade étnica e suas implicações.

Visto as dificuldades enfrentadas, sobretudo, pelas crianças ou jovens negros (sujeitos em processo de desenvolvimento social, emocional e cognitivo) para a consolidação de sua identidade étnica, justificamos a importância da nossa investigação. A realidade da qual participam esses indivíduos traz, com frequência, uma imagem estigmatizada de seu grupo étnico, aliás, ilustramos este fato na primeira parte deste estudo. Assim, a família e o meio social em que vivem concorrem diretamente para a afirmação negativa ou positiva desses ideais identitários. Quando falamos acerca do cotidiano, no que diz respeito às etnias do nosso país, temos o Parecer do Conselho Nacional de Educação n. 003/2004:

> Convivem no Brasil, de maneira tensa, a cultura e o padrão estético negro e africano e um padrão estético e cultural branco europeu. Porém, a presença da cultura negra e o fato de 45% da população brasileira ser composta de negros não têm sido suficientes para eliminar as ideologias, desigualdades e estereótipos racistas. Ainda persiste em nosso país um imaginário étnico-racial que privilegia a brancura e valoriza principalmente as raízes européias da sua cultura, ignorando ou pouco valorizando as outras, que são a indígena, a africana e a asiática (BRASIL, 2004: 5).

Nesta perspectiva, acreditamos ser necessária a discussão sobre uma educação que conduza a uma sociedade menos excludente; para isso, devemos avaliar os tipos de sujeito que se quer formar, quais as possibilidades de se observar estes acontecimentos e os modos de se amenizar a situação prevista pelo Conselho Nacional de Educação em sala de aula. Para nos auxiliar no entendimento dos fenômenos enunciativos que permeiam os produtos desta realidade, como por exemplo, a novela, recorremos aos instrumentais da teoria semiótica e destacamos algumas das análises realizadas pelo projeto com relevância para a efetivação de nossas propostas. Nesse sentido, elaboraremos módulos didáticos a fim de se refletir em torno da diversidade étnica, organizando um referencial teórico, análises, cenas e materiais complementares; contribuindo para a composição de um material pedagógico, ofertado para professores do ensino médio regular.

- **Tema:** Transformação do personagem Romildo Rosa.
- **Material principal:** Cena 1 – Armações de Romildo Rosa e Cena 3 – Conciliação da família Rosa.

· **Material complementar:**

Imagens do capítulo selecionado e trechos de uma entrevista da atriz Taís Araújo, que dá vida à personagem Alícia, filha de Romildo Rosa, apontadas em entrevista veiculada pelo site UOL (2008) quanto ao comportamento do público em relação às escolhas dos atores para protagonizar este núcleo.

· **Elementos da análise**

Para a aplicação destas atividades presumimos um apanhado sucinto da teoria semiótica, previamente estudada em sala de aula. Para esta cena, em especial, é imprescindível o conhecimento dos programas narrativos, da figurativização, dos papéis actanciais e temáticos. De forma a complementar e enriquecer o planejamento da aula, poderíamos utilizar também elementos da análise fílmica e televisiva, para tratarmos das angulações e perspectivas.

· **Atividades**

I. O autor da novela construiu uma narrativa em que aparece, no nível mais superficial do texto, uma transformação do personagem protagonista deste núcleo. Discrimine as características e diferenças básicas existentes em Romildo Rosa nas duas cenas em questão.

II. Se pensássemos num nível mais abstrato de leitura, poderíamos afirmar que, nos dois momentos em que o personagem está situado, há o cultivo de valores distintos. Diante deste fato, quais os valores presentes no personagem em ambas as cenas?

III. Sob o ponto de vista da sociedade em que vivemos, qual das duas formas de ser é mais valorizada? Justifique sua resposta.

IV. As cenas acima revelam que Romildo Rosa recebe uma sanção negativa ao executar uma *performance* e uma sanção positiva por não executar outra performance.
a) Qual é a sanção positiva?
b) Qual é a sanção negativa?

V. Observe a afirmação feita pela atriz Taís Araújo, sobre a repercussão de sua personagem Alícia: "Tem gente que vem me dizer [com ar de desdém]: 'ah, mas você será filha de um político corrupto? '. Não entendo! Por que negro não pode fazer corrupto? Pelo amor

de Deus, podemos fazer tudo. Quero fazer a mocinha e quero fazer a vilã!" (PRADO, 2008, disponível em: http://www1.folha.uol.com.br). Diante desse posicionamento, visto que o núcleo da novela não trata especificamente das diversidades étnicas, quais motivos justificariam reportagens e notícias relacionadas a este tema?

VII. Notamos, a partir destas atividades, que todo texto assimila ideias que estão presentes na sociedade. Tendo isso em vista, leia a continuação da entrevista de Taís Araújo: "Eu acho ótimo ter negro rico em novela, tem que ser assim mesmo!" (PRADO, 2008. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br. Acesso em: 27 de agosto de 2015). Agora produza um texto cujo tema baseie-se nesta afirmação.

VI. Greimas e Fontanille (1993) nos diz que, pela mediação do corpo, o mundo transforma-se em sentido, e essas figuras exteroceptivas interiorizam-se. A figuratividade pode, então, ser concebida como modo de pensamento do sujeito. Desse modo, podemos afirmar que os sentidos também revelam-se nos sujeitos, enquanto figuras corporais: a paixão da tristeza, por exemplo, poderá será figurativizada pela lágrima; a alegria, consequentemente, poderá resultar num sorriso. Frente a estes apontamentos, indique e explique, nas imagens, elementos que ilustrem essa reflexão:

Cena 1:



F01 **F02** **F03**

Cena 2:



F01 **F02** **F03**

Considerações finais

Conforme demonstrado, julgamos que a telenovela é um bem simbólico importantíssimo em nossa cultura, ainda mais quando trata de preocupações e problemas da realidade, como as relações políticas, morais, éticas e sociais. Além disso, supomos que os discursos propagados nos meios midiáticos perpassam os muros da escola e, consequentemente, a visão de mundo de nossos alunos é munida por esses textos. Por essa razão, defendemos uma atitude crítica e reflexiva por parte das práticas escolares para a compreensão dessas linguagens, pois, como afirma Gadotti:

> Os sistemas educacionais ainda não conseguiram avaliar suficientemente o impacto da *comunicação audiovisual* e da *informática*, seja para informar, seja para bitolar ou controlar as mentes. Ainda trabalha-se muito com recursos tradicionais que não têm apelo para as crianças e jovens. Os que defendem a informatização da educação sustentam que é preciso mudar profundamente os métodos de ensino para reservar ao cérebro humano o que lhe é peculiar, a *capacidade de pensar*, em vez de desenvolver a memória. Para ele, a função da escola será, cada vez mais, a de *ensinar a pensar* criticamente. Para isso é preciso dominar mais *metodologias* e *linguagens*, inclusive a linguagem eletrônica (GADOTTI, 2000, s/p).

Diante desse cenário, a semiótica greimasiana nos interessa na medida em que permite uma análise imanente do texto, dessa forma, o aluno não necessitaria obrigatoriamente de um saber extra, principalmente se tratando de aspectos históricos que poderiam emergir nos debates a respeito da história do negro no Brasil. Nesse contexto, a teoria semiótica permite ainda a percepção da disposição narrativa que subjaz qualquer tipo de texto, sob as mais distintas instâncias figurativas. De modo sucinto, buscamos ferramentas para habilitar os jovens estudantes, oferecendo caminhos de um trabalho técnico-didático que dinamizasse as aulas de leitura e produção textual, concretizado no módulo didático.

Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria Semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1990.

_____. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos.* São Paulo: Atual, 1998.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. *Parecer n. 003/2004*, de 17 de junho de 2004. Disponível em: http://www.uesc.br/prodape/0287.pdf. Acesso em: 21 fev. 2015.

CARNEIRO, João Emanuel de. A Favorita. *Rede Globo de Televisão*. São Paulo: Globo, 2008 - 2009.

DUARTE, Elizabeth Bastos. *Televisão: ensaios metodológicos*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

GADOTTI, Moacir. *Perspectivas atuais da educação*. São Paulo em perspectiva, v. 14, n.2, Abr/Jun. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em: 3 ago. 2016.

GREIMAS, A & COURTES, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Ática, s/d.

_____ & FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões*. São Paulo: Ática, 1993.

JABOR, Arnaldo. *FLORA, QUE AMAMOS ODIAR*. O Estado de São Paulo. São Paulo. 25 de nov. 2008. Caderno 2, D10.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LARA, Glaucia Muniz Proença. Lendo textos verbais e não-verbais: uma abordagem semiótica. CASA. *Cadernos de Semiótica Aplicada*, v. 5, p. 1-13, 2007.

LANDOWSKI, Eric. *Presenças do Outro*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LIMOLI, Loredana & MENDONÇA, Ana Paula F. de. *Proposta pedagógica de utilização da telenovela no ensino de leitura.* In: XIX Seminário do CELLIP, 2009, Cascavel. Anais do XIX CELLIP. Cascavel : EDUNIOESTE, 2009.

PRADO, Arcanjo Miguel. *Acho ótimo ter negro rico em novela, diz Taís Araújo*. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br. Acesso em 27 de agosto de 2015.

[i] E-mail da autora: cassiabatalha@bol.com.br
[ii] E-mail do autor: renansalermo@hotmail.com